

Não sou um bibliófilo maníaco nem um bibliógrafo insaciável. *Est modus in rebus*. Mas que o livro tem no meu psiquismo um lugar de eleição, lá isso é verdade. A minha relação com ele é carnal e espiritual. A Biblioteca para mim é um espaço do sagrado. Compreendo e aprovo a excomunhão *ipso facto* lançada sobre quem roubasse livros da Universidade de Salamanca. Extensível a meu ver a todos os cleptómanos, sem excepção, desde que se trate de livros...

O livro é o ser vivo que maiores torturas padece. E o que o rouba, é o que o rasga, é o que o risca, é o que o sublinha, é o que o descola, é o que o coloca fora da prateleira, é o que adormece sobre ele enquanto na sala há quem espere impacientemente pela sua leitura, é o que o fotocopia sem critério e o derranca na fotocopidora, é o que o leva para casa e nunca mais o devolve, é o que dorme com ele na cama tomando-o como um banal soporífero, é o que o compra e nunca o lê considerando-o um adorno, é o que o lê em diagonal, é o que o lê na livraria sem o comprar defraudando o autor e o livreiro, é o que o critica sem ter lido. Numa palavra: mais tormentos do que no ciclo do linho...

A Biblioteca não é um museu, muito menos um cemitério. A Biblioteca não é um lugar onde fazem ninho e proliferam ratos e ratazanas. A Biblioteca não é um lugar de intelectuais coca-bichinhos. A Biblioteca não é coutada de reformados revivalistas. O pó das bibliotecas é o único pó do mundo que não faz mal aos pulmões... Eu descobri uma vez na minha terra um lavrador analfabeto que fazia cigarros em livros do século XVII... E o pó não lhe fez mal às vias respiratórias. O fumo, esse sim... Eu nunca fui, não sou, nem serei um «rato de biblioteca». Mas faço dela um santuário onde me refugio de todas as ciladas do *stress*. Porque o Saber é uma catedral que se constrói folha a folha, página a página, linha a linha, palavra a palavra, sílaba a sílaba.

Por amor de Deus e de todas as alminhas que Ele lá tem, senhores bibliotecários, não me dêem nunca, mas mesmo nunca, **microfichas** em vez de livros. Isso não, porque a minha relutância é enorme! Eu compreendo aquela história mil vezes contada do Professor de Coimbra que perguntava aos seus alunos nas orais qual era a cor da capa do livro, para se certificar se o tinham ou não consultado. Tenho mesmo pena que os novos ventos pedagógicos me impeçam de fazer a mesma pergunta. Tenho medo, muito medo dos licenciados com cursos tirados à base de fotocópias. São como frangos de aviário sobrealimentados a vitaminas insípidas... Não nego o mérito da fotocópia bem tirada, quando correctamente referenciada na sua fonte e usada com descrição em situações excepcionais, sem violar o direito de propriedade do autor. Não me coloco contra a técnica. Mas quero o livro, porque tenho com ele um enamoramento erótico. Quero folheá-lo, tacteá-lo, sentir a sua resistência no formato, no volume, na cor, no tipo de papel. A **microficha** é uma fotografia a preto e branco, desfigura o livro, despersionaliza o contacto entre emissor e receptor. Na **microficha** dá-se um salto no vazio, não se vira a página. Fica-se sem a noção do volume, do espaço percorrido e do que falta percorrer. Fere os olhos e sobressalta o espírito do feitor Vivemos um período de grande revolução tecnológica, eu sei. A informática tem virtudes que a escrita manual não consegue igualar, é claro. A tese de que o tempo é dinheiro vicia a relação de cumplicidade entre o livro e o leitor, que exige o ócio. O computador é de uma utilidade indiscutível no processamento, armazenamento e impressão do texto. Mas não vislumbro uma Biblioteca de futuro que seja um amontoado de **microfilmes** e **microfichas** passados em aparelhos de manejo sofisticado, que só utentes muito hábeis manipulam com engenho e eficácia. O tempo do intelectual humanista não tem por imperativo da tecnocracia de se

submeter à vertigem de um tempo de concorrência e de competitividade devoradoras. Sendo do seu tempo, o intelectual não poderá abdicar da sua função específica de crítico do seu tempo, do seu espaço e dos seus ritmos.

Estará «a breve trecho» o livro condenado a desaparecer sacrificando-se às exigências economicistas da técnica? Será que a informatização vai impedir a inspiração e a criatividade? Futuração não é seguramente o meu forte. Mas quero imaginar que não. Nasci sem livros no berço, mas quero morrer com eles à cabeceira. Fique desde já exarado em apostilha ao meu testamento. A minha Biblioteca vai crescendo numa progressão geométrica e roubando o meu espaço existencial. Mas, por outro lado, consola-me fruir com cobiça as solicitações de leitura de tantos volumes, sempre disponíveis e sedutores, à minha espera.

Nem célula, nem cela, a Biblioteca é uma memória colectiva, uma consciência do tempo, uma testemunha qualificada, muda quanto basta e loquaz quanto se deseje. Por tudo isto e por muito mais que não cabe neste espaço gráfico, se o livro desaparecer do mercado, se as bibliotecas me servirem **microfichas** quando eu requisitar **livros**, nessa altura, como os contadores de histórias, eu continuarei a dizer: «A páginas tantas...»

António Ferreira de Brito